

A PEDAGOGIA DA PERGUNTA NA DINÂMICA MUSEAL DO ESPAÇO CIÊNCIA; REFLEXÃO PARA O DIA DOS PROFESSORES

Ana Gabriela Vasconcelos Cavalcante

O dia 15 de Outubro é voltado para comemorar, refletir e repensar a profissão de professora e professor; é, desse modo, um momento propício para dialogar sobre as relações que existem e podem existir entre as escolas e os museus, bem como sobre o caráter pedagógico dos museus.

O Espaço Ciência (EC) é um Museu que recebe, diariamente, uma grande quantidade de escolas, vindas dos mais distintos lugares e com estudantes de diferentes realidades sociais, culturais e econômicas. Diferente de alguns espaços museais, o EC se destaca por seu caráter interdisciplinar, já que trabalha com conhecimentos de diferentes ciências e, também, por proporcionar aos visitantes a possibilidade de interagir com os experimentos que compõem o acervo, o que favorece a compreensão de como os conhecimentos, aprendidos em teoria, estão presentes no cotidiano.

A possibilidade de divertir-se enquanto aprende, a interatividade e a ludicidade, tão presentes na constituição do Museu Espaço Ciência, proporcionam aos visitantes uma experiência mais significativa. Poder tocar, manipular, participar ativamente da realização dos experimentos favorece a conexão com o cotidiano e a construção coletiva de conhecimentos. No que diz respeito à ludicidade, o historiador Johan Huizinga, em sua famosa obra *Homo Ludens* (1980), defende que nós somos seres lúdicos, que a ludicidade é um componente inerente ao ser humano e nós não nos dissociamos disso, independente das idades. Nessa mesma concepção, a educadora Madalena Freire acredita que o processo de ensino e aprendizagem, independente do lugar onde ocorra, precisa ser conduzido com leveza; e a possibilidade de divertimento traz esta leveza necessária.

Bem, é importante lembrar que todos os espaços em uma sociedade, de uma forma ou de outra, são atravessados pela educação. A educação é, portanto, um dos fios que vai tecendo as relações que estabelecemos uns com os outros no dia-a-dia, sendo um dos principais pilares sociais no processo de formação cidadã, bem como defende o educador Carlos Brandão (2007). Porém, não temos como falar em educação e dos mais variados lugares em que ela ocorre, desconsiderando suas configurações e diferentes formatos.

Neste sentido, autores como Maria Graça Aranha (1989) afirmam que existe a educação formal, que seria àquela com uma intencionalidade formativa explícita, a informal, que apesar de pedagogicamente estruturada, não tem o objetivo de formar os educandos no sentido escolar, técnico ou acadêmico e, por fim, a não formal, que se caracteriza por não possuir o propósito de formar as pessoas envolvidas, não sendo pedagogicamente estruturada e, normalmente, ocorrendo de forma espontânea no calor do cotidiano.

Diante destas classificações, os museus se encaixam como espaços de educação não formal. Pois, os conhecimentos que neles são construídos não o são da mesma forma que são na escola, por exemplo. Porém, é importante ressaltar que isso não anula, nem deslegitima seu potencial educativo e de divulgação científica. A historiadora Isla Matos (2014) afirma que é necessário tomar cuidado quanto a estas classificações, pois, no que diz respeito à educação escolar e a educação museal, as classificações podem acabar gerando, de forma equivocada, uma hierarquização que coloca os museus apenas como meros suportes das escolas. Vale lembrar, neste sentido, da reflexão feita por Lana Siman (2004), também historiadora, sobre a necessidade de buscarmos conectar os espaços museais e os escolares no processo de construção do conhecimento, como forma de explorar as potencialidades dos dois espaços e tornar mais enriquecedor o processo de construção de conhecimento.

O potencial educativo e científico dos museus pode ser percebido por seu caráter pedagógico e pela forma sistematizada como os conhecimentos são construídos, a partir de objetivos embasados, no sentido teórico e metodológico. No caso do EC, enquanto espaço não formal de educação, um dos pilares que direciona as abordagens educativas é a Pedagogia da Pergunta. O educador pernambucano Paulo Freire, na obra *Por uma Pedagogia da Pergunta* (1985), construída por meio de um diálogo com o filósofo chileno Antonio Faundez, defendia que a pergunta, por mais simples que pareça ser, é um elemento fundamental para se construir um processo efetivo de aprendizagem, pois ela instiga a curiosidade e coloca o educando (no caso dos museus, o público visitante) em um lugar de protagonismo, permite “*criar um espaço de liberdade para cada um*” (cf. FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 6).

E, considerando que um dos elementos principais que compõem o Museu Espaço Ciência é o público visitante. Cada pessoa que chega ao Museu, vindas das mais distintas realidades, traz consigo suas histórias de vida, suas experiências, seus saberes e suas respectivas visões de mundo. E é justamente nesta troca de ideias, entre o público visitante e

os educadores e educadoras do Museu, que os conhecimentos são construídos, tendo como fio condutor desta construção a pergunta, que é fundamental na dinâmica museal do EC.

Logo, abrir espaços para perguntas, partindo da realidade cotidiana de cada pessoa, dá asas à imaginação e permite o surgimento de novas ideias e reflexões. Uma prática educativa que se fundamenta na dúvida, no questionamento das certezas sobre o mundo que nos cerca (Ilva et al, 2020, p. 377), rompe com a ideia de que apenas certas pessoas detém conhecimento. Tornando evidente que o processo de ensino e aprendizagem acontece na troca de ideias, na conexão que estabelecemos uns com os outros, independente dos lugares que ocupamos.

Assim, a partir da Pedagogia da Pergunta, abrir espaços para que haja relações cada vez mais próximas entre as escolas e os museus, neste caso, o Espaço Ciência, é um caminho que potencializa a educação e divulgação científica e o protagonismo daqueles que se colocam em um lugar de visitantes do museu, prontos a explorarem o que o espaço pode oferecer (Alves, 2020; Almeida e Rovai, 2011). É fundamental refletir sobre essas relações possíveis, ressaltando que todos, independente das ideias, podem ser sujeitos ativos no processo educativo.

Para saber mais:

ALMEIDA, Juniele Rabêlo. ROVAI Marta Gouveia de Oliveira. (organização) **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. (p. 7 à 15)

ALVES, Zenaide Gregório. **O Espaço Ciência como Lugar de Ensino de História**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2020, p. 142, 2020.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo, Moderna, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREIRE, Madalena. **Educador, educador, educador**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ILVA, L. V.; GIACOMONI, M. P.; OLIVEIRA, P. H. P. de; CUNHA, M. C. **A pesquisa sobre jogos como recursos didáticos no campo do Ensino de História no Brasil: um estudo do estado do conhecimento**. História & Ensino, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 374–399, 2020. DOI: 10.5433/2238-3018.2020v26n2p374. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/38781>. Acesso em: 4 mar. 2023.

MATOS, Isla Andrade Pereira de. **Educação museal: o caráter pedagógico do museu na Construção do conhecimento.** Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium, Ituiutaba, v. 5, n. 1, p. 93-104, jan./jun. 2014.

SIMAN, Lana Mara de Castro. **O papel dos mediadores culturais e da ação mediadora do professor no processo de construção do conhecimento histórico pelos alunos.** In: ZARTH, Paulo e outros.(orgs) Ensino de História e Educação. Ijuí: Ed. Unijui, 2004.